

Aprendendo e ensinando música a 4 mãos: relato de experiência de duas professoras de musicalização infantil na Paraíba

GTE 10 - Educação Musical na Infância

Comunicação

*Samma Mascarenhas de Mendonça
Universidade Federal da Paraíba
Centro Estadual de Artes - PB
sammamendonca@gmail.com*

*Ana Rosa Fernandes Cabral
Universidade Federal da Paraíba
Centro Estadual de Artes - PB
anarosafernandes15@gmail.com*

Resumo: Apresentamos nesta comunicação um relato de experiência que objetiva narrar o trajeto pedagógico de duas professoras de música na infância a partir da perspectiva do ensino colaborativo. De maneira específica, busca estabelecer conexões entre o posicionamento reflexivo-teórico e suas práticas pedagógicas. O processo formativo como professoras de musicalização infantil extrapola a teoria, sendo complementado com trocas de experiências e interações, dando novo sentido à experiência profissional. Para auxiliar na compreensão do recorte escolhido, utilizou-se relatos autobiográficos, diários de bordo e relatórios de reuniões para retomar lembranças, bem como referências bibliográficas para contextualizar a educação musical infantil, em especial no cenário da cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, caracterizando-se como uma pesquisa documental. Essa trajetória foi iniciada em 2017, como bolsistas do Laboratório da Universidade Federal da Paraíba, uma cursando Licenciatura em Música e outra cursando Bacharelado em Psicopedagogia, e acontece até os dias de hoje, período pandêmico da Covid-19, no qual redesenhou-se um trabalho de vivências musicais online juntamente com a equipe de musicalização infantil, no Centro Estadual de Arte da Paraíba.

Palavras-chave: Educação Musical Infantil; Professoras de música; Aprendizagem colaborativa.

Conhecendo nossa história

O relato de experiência interage com as trajetórias de duas professoras de musicalização infantil no ensinar e aprender música na infância, abordando a chegada no Laboratório de Educação Musical Infantil (LEMI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), as salas de aula que dividiram e a instituição que participam juntas nos dias de hoje, assim

como partilham algumas práticas pedagógicas que vivenciaram nesses anos pensando a educação musical para crianças pequenas.

O interesse pelo tema surgiu da inquietação em registrar as ressonâncias em comum dessas trajetórias no campo da Educação Musical Infantil, pois entendemos que “aprender a ensinar” extrapola a teoria, uma vez que é complementada com trocas e interações em trabalho colaborativo, dando novo sentido à nossa experiência profissional.

Adotou-se como objetivo principal narrar o trajeto pedagógico de duas professoras de música na infância a partir da perspectiva do ensino coletivo. De maneira específica, busca estabelecer conexões entre o posicionamento reflexivo-teórico adotado e suas práticas pedagógicas. Além disso, para auxiliar na compreensão do recorte escolhido, utilizou-se relatos autobiográficos, diários de bordo e relatorias de reuniões para retomar lembranças, bem como referências bibliográficas para contextualizar a educação musical infantil, em especial no cenário da cidade de João Pessoa, no estado de Paraíba, caracterizando-se como uma pesquisa documental, como uma fonte de dados.

Sendo assim, tomamos a iniciativa de articular o referencial teórico, que aborda temas sobre as concepções e práticas pedagógico-musicais que formam o constructo teórico das nossas reflexões, com a narrativa dos acontecimentos que julgamos relevantes para a construção deste relato de experiência.

Encontro como bolsistas

O espaço que abriu as portas para que nos conhecêssemos foi o LEMI da UFPB, coordenado até o final de 2017 pela professora Caroline Brendel Pacheco¹, todavia desde 2010, a cidade de João Pessoa é palco para os trabalhos de música na infância com suas ações pioneiras.

As primeiras ações aconteceram em 2010, no atendimento da comunidade do entorno da UFPB e filhos dos servidores, oferecendo aulas nas salas da universidade para poucas crianças. As atividades tomaram maiores proporções até a necessidade de fundar um laboratório, que passou a desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão

¹ A partir de agora no decorrer do texto, quando nos referirmos a professora Caroline Brendel Pacheco, chamaremos de "Caroline"

complementando o curso de licenciatura em música com foco pedagógico-musical para crianças pequenas (BEZERRA, 2015, p.2).

Estávamos, as duas, interessadas em aprender mais sobre o ensino de música na infância e por isso recorremos ao LEMI. Uma de nós, Ana Rosa, conheceu o laboratório e o trabalho com crianças quando cursou a disciplina Psicologia da Música, na curiosidade de unir áreas como a psicologia do desenvolvimento e a música. Samma Mendonça conheceu o laboratório através de um componente curricular do fluxograma do curso de licenciatura em música, ambas ministradas por Caroline, e assim as conexões foram se estabelecendo.

Em 2017, fizemos a seleção para os projetos de ensino e extensão, nos tornando bolsistas nos respectivos projetos, assim unimos as forças musicais, Samma estudando canto e Ana Rosa violino, além de outras experiências artísticas e pedagógicas individuais. Entramos no LEMI quando a coordenadora do projeto, a professora Caroline, estava de partida para seu doutoramento fora do país, e para essa transição, demos as mãos a outras colegas, além de três professoras do Departamento de Educação Musical que ficaram responsáveis pelo laboratório. Encaramos o desafio de seguir com as atividades e as responsabilidades que o papel de estudante-bolsista nos traria.

Aproveitamos os meses que tínhamos com a coordenadora e fizemos um intensivo de reuniões formativas para entender o funcionamento do laboratório e nossas responsabilidades como bolsistas. Discutimos textos bases do projeto de musicalização infantil e conhecemos a história do LEMI ouvindo as vivências dos demais professores voluntários mais antigos. Foram muitos aprendizados e informações, estávamos entusiasmadas e com a certeza de que todas que ali estavam tinham o mesmo objetivo de aprender sobre o universo da educação musical infantil, experimentando a força que um coletivo unido poderia ter, sobretudo um coletivo de mulheres.

Durante a formação, vivenciamos as primeiras aulas voltadas para a musicalização infantil de crianças de 1 a 5 anos em um Centro de Referência em Educação Infantil (CREI) do bairro Mangabeira em João Pessoa. A proposta teve como objetivo articular nossos estudos à prática, e deu o pontapé inicial à formação de equipe de professores e professoras para

compor o segundo projeto de descentralização² do trabalho do LEMI, desta vez no Centro Estadual de Arte (CEARTE-PB), que falaremos com mais detalhes no decorrer do relato.

Dados esses passos, começamos (juntamente com as demais participantes) a ministrar aulas na Escola de Educação Básica da UFPB - EEBAS, para crianças entre 2 e 5 anos. Demos seguimento ao trabalho já iniciado por bolsistas que antecederam nosso lugar. As aulas foram pensadas e elaboradas de acordo com o formato e a prática pedagógica proposta pelo LEMI. Aproveitamos para contribuir com a escolha de repertório da nossa vivência a partir de temáticas definidas coletivamente, além da criação de atividades. Para tanto:

“(…) foi decidido trabalhar com Compositores Paraibanos e/ou Nordestinos, careceu de uma pesquisa de levantamento para seleção de grupos e músicos. Utilizamos músicas de Adeildo Vieira, Chico César, Jackson do Pandeiro, Baluarte, Borboletês, Samma Mendonça, Pedro Índio, Guga Limeira, entre outros (CABRAL, 2017, p.11)”.

Ensino Colaborativo

As aulas de musicalização infantil, baseadas no modelo proposto pelo laboratório, acontecem em duplas e/ou trios, sendo pelo menos um dos membros, já formado e/ou com mais experiência para que haja uma troca natural de conhecimentos sobre o ensino de música para crianças pequenas (BEZERRA, 2017, p.7).

Além dessa compreensão, entendemos que os fundamentos da aprendizagem cooperativa, tendo a interação como base da aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo, trazem características imprescindíveis ao trabalho em grupo, assim como percebe o seguinte relato:

O ensino em grupo desenvolve um pensamento imaginativo e criativo, uma mente crítica e informada, além de fomentar a tomada de consciência acerca da relação havida entre os interesses e as necessidades dos outros, do senso de rigor acadêmico, de convivência social e da habilidade de satisfazer-se por meio do aprendizado durante toda a vida, embora tais comprovadas qualidades ainda não cheguem a integrar uma prática comum no ensino musical do Brasil (OLIVEIRA, ALBERDA, SOUZA, 2015, p.3).

² Vale salientar que houve duas descentralizações principais a partir do laboratório, a primeira para a Escola Estadual de Música Anthenor Navarro, no ano de 2014. E mais tarde, em 2017, no Centro Estadual de Arte da Paraíba. Contudo, no caso desta comunicação, nos concentraremos no trabalho que desenvolvemos com mais solidez na instituição da segunda descentralização.

Nesse sentido, como foi para nós ter a primeira experiência em sala de aula ensinando colaborativamente? No primeiro dia de aula, saímos frustradas da escola, pois lidamos com a realidade estrutural de uma escola pública de ensino básico e as crianças sem acompanhamento de responsáveis. Levou em torno de três aulas para nos darmos conta que nossa maior preocupação deveria ser as crianças, e não apenas as conduções das atividades ou a resolução de problemas estruturais.

Percebemos que nosso tempo é diferente dos pequenos, mesmo que nos parecesse repetitivo, seria preciso repetir a canção, o movimento, a melodia. Adotamos uma atitude mais tranquila e leve com as mudanças da dinâmica na sala de aula, pois assim como as crianças, estávamos ali para nos divertir, aprender e fazer arte. Com respeito ao tempo, demos espaço para nos conectar com cada uma delas, assim à medida que vivenciávamos as aulas fomos percebendo as crianças cada vez mais livres e engajadas a participar. Refletimos sobre a possível relação entre a transformação da nossa postura em sala de aula e a fluidez do aprendizado do conteúdo musical. Assim, respondendo a questão levantada, ter um grupo de professoras trabalhando em conjunto impulsionou a observação e reflexão sobre essas indagações.

Trabalhar em conjunto ajudou em algumas questões, como: no compartilhamento e reflexões para os diários de bordo³, nas trocas de experiências e percepções de dentro e de fora da aula. E, aprendemos juntas a ver com atenção às crianças (e não somente olhar), passamos a perceber nuances do desenvolvimento musical, como a desinibição para cantar uma música conhecida na roda, como também vitórias do dia-a-dia, como uma criança que de tanto treinar a amarrar os cadarços do sapato, após a aula, saiu com esse passo de autonomia.

A essas questões acima, devemos ao trabalho colaborativo que é sugerido e colocado em prática em nosso fazer educacional até hoje. Desta forma, traremos outros pensamentos e contribuições pedagógicas presentes em nossa trajetória.

³ Diário de Bordo é o momento posterior a aula, que oportuniza a avaliação e registro dos acontecimentos da sala de aula. É pautado na conversa e na reflexão sobre os procedimentos metodológicos, sobre as respostas das crianças às atividades junto aos seus/suas cuidadoras, entre outros.

Musicalização Infantil

A educação musical infantil é uma área que vem crescendo no Brasil com o passar dos anos (BROOCK, 2013; 2011; ILARI, 2010). E, em nosso caso, chegou em nossas vidas com a entrada no LEMI, espaço que propõe práxis e encara o ensino para crianças com grande responsabilidade.

Entendemos que trabalhar com respeito e profundidade exige que procuremos respaldo de estudos da Educação Musical e seus métodos ativos, como também da psicologia do desenvolvimento, dos aprendizados da cultura popular, de pensadores e pensadoras comprometidos com a compreensão da sociedade, a exemplo de Paulo Freire e bell hooks⁴. Além disso, exige estarmos conectadas às experiências de colegas do laboratório e de outros lugares do país que já trabalham focando no ensino para crianças tão pequenas, e isto tudo, pensando no impacto e importância que esse trabalho tem na vida delas, consequentemente na sociedade musical do futuro.

Para compreender melhor a musicalização infantil como esse processo complexo, humano, criativo e social, tomemos como referencial um dos escritos de Penna (2015), na qual afirma que musicalizar é um:

[...] processo educacional orientado que, visando promover uma participação mais ampla na cultura socialmente produzida, efetua o desenvolvimento dos esquemas de percepção, expressão e pensamento necessários à apreensão da linguagem musical, de modo que o indivíduo se torne capaz de apropriar-se criticamente das várias manifestações musicais disponíveis em seu ambiente - o que vale dizer: inserir-se em seu meio sociocultural de modo crítico e participante. Esse é o objetivo final da musicalização, na qual a música é o material para um processo educativo e formativo mais amplo, dirigido para o pleno desenvolvimento do indivíduo, como sujeito social (PENNA, 2015, p.49).

Portanto, entendemos que ensinar música é a guiança de um exercício interligado em dar atenção às teorias e pensamentos socioculturais, e ainda acolher as histórias, memórias e músicas que os bebês e crianças junto de suas famílias trazem, sem impor nossas propostas e repertórios. A musicalização que buscamos é aquela que acredita na troca entre professores,

⁴ “Ela adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks e faz questão de afirmar que bell hooks deve ser escrito em letra minúscula mesmo, representando seu desejo de dar destaque ao conteúdo de sua escrita e não à sua pessoa” (PANTYS, 2019).

alunos e familiares para que cada momento musical seja o mais significativo para os envolvidos em nossas aulas.

A música pela música

Existe uma inquietação por parte de algumas famílias ao buscar aulas de musicalização infantil para seus filhos ou filhas com propósitos distintos que não estejam diretamente ligados à música, objetivando estimular o desenvolvimento da fala ou aprimorar a concentração, por exemplo. Vale salientar que é compreensível que esses outros aprendizados estejam, muitas vezes, ligados ao ensino da musicalização infantil, pois como é um ensino voltado à primeira infância, e esta é uma fase de exponencial desenvolvimento global, é muito comum ter a atenção voltada para todas as áreas que possam contribuir para a maturação do bebê (COLL, MARCHESI, PALACIOS, 2016, p.14).

Alguns cursos incentivam essa postura ao promoverem suas aulas tornando o curso mais convidativo ao público, pensando na venda da musicalização como promotora de habilidades como a ordenação sequencial e espacial, desenvolvimento cognitivo, a coordenação motora, entre outros exemplos que poderíamos citar.

Não queremos dizer com isso que somos contra a interdisciplinaridade ou que desenvolver outras habilidades perceptivo-musicais não estão presentes em nossas aulas, mas defendemos a importância de entender a música pela música. Seguimos a linha de que o principal objetivo das nossas aulas é o desenvolvimento musical, as habilidades extramusicalis surgirão a partir da vivência em sala de aula, mas como professoras de música nosso foco precisa ser a música em si. Assim como afirma Ilari:

É também imprescindível questionarmos até que ponto há importância em estabelecermos relações causais entre a música e outras áreas. Estas relações são interessantes e possuem algum valor se tomarmos um ponto de vista exclusivamente científico-teórico. No entanto, isso raramente ocorre e diversos problemas decorrem da aplicação das relações causais entre a música e outros contextos ou áreas, e no caso específico da educação musical, impondo razões educacionais, sociais, políticas e econômicas que frequentemente transcendem à própria razão de ensinarmos música (ILARI, 2005, p. 5-6).

Corroborando com o pensamento das autoras, acreditamos que os estudos relacionados à transferência de habilidades entre música e outras áreas de conhecimentos são bem-vindos, mas precisa-se de cautela. Entendemos que nosso olhar deve estar em busca

da exploração sonora, da criatividade, da afetividade entre mãe (e/ou responsável) e bebê e no desenvolvimento musical. À vista disso, fazemos o convite às famílias que nos acompanham a acreditarem no brincar e em nossas propostas. Com esse posicionamento, retornamos à linha histórica da nossa experiência.

Boas-vindas a nova instituição

Relembrando, o objetivo geral do presente estudo é narrar o trajeto pedagógico de duas professoras de música na infância a partir da perspectiva do ensino colaborativo. A fim de atingir tal objetivo, daremos continuidade ao relato, ilustrando os locais, as funções realizadas e o período de trabalho das professoras, como é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1: Trajeto pedagógico das professoras de Musicalização Infantil

Período	Locais	Função
2017	UFPB	Bolsistas de ensino e extensão
2017-2019	CEARTE-PB e UFPB	Professoras bolsistas e voluntárias do LEMI
2020-hoje	CEARTE-PB e UFPB	Professoras contratadas e voluntárias do LEMI

Fonte: Dados da pesquisa

Como observado no quadro 1, o CEARTE-PB foi a instituição que iniciamos como bolsistas e nos encontramos até hoje trabalhando na musicalização infantil. Fazemos parte de uma equipe de professores coordenada até 2020 por nossa colega Marta Sanchís, integrante do laboratório, professora de teclado e etnomusicóloga.

Em 2017, Marta reuniu uma equipe que contava com sete professores e professoras: duas bolsistas cursando a licenciatura em música em práticas interpretativas com habilitação em canto, uma bolsista do curso de psicopedagogia da UFPB e violinista, mais três licenciandos com habilitação em sanfona, canto e violão e uma bacharel em flauta transversal. Com esse grupo múltiplo, demos início à Musicalização Infantil do CEARTE-PB, mais um grande passo através do laboratório.

O objetivo era expandir a musicalização infantil para a comunidade da cidade, principalmente no Centro, bairro que abriga uma população de baixa renda ainda não assistida por um trabalho de música para bebês e crianças. Chegamos na escola ocupando apenas duas salas, com quatro turmas cada, tendo 15 alunos por turma. Apesar das inúmeras questões a nível estrutural e logístico, nos encontros de aulas aos sábados pela manhã, permitimos nossos olhares passearem pelo lugar florido, com uma grande mangueira fazendo sombra sobre as salas e pelas pessoas gentis que se relacionavam conosco na instituição, em especial a diretora Maria Laura, que acolheu nossa proposta nos lembrando a todo instante que agora fazíamos parte dessa família chamada Ser-Arte.

Nos encontros de planejamento, às quartas, e atividades de bolsistas, nas segundas e sextas, voltávamos ao nosso cantinho na universidade que abriga uma biblioteca rica de livros e CDs de temas e gêneros variados que nos alimentava com repertório e ideias. Além dos instrumentos de percussão, fantoches e o instrumental Orff completo que oferecia apoio pedagógico ao nosso trabalho. Mas não apenas isso, estar nessa sala era acessar memórias das fundadoras daquilo tudo (Caroline e Daniella Gramani), era visitar o início da nossa história e o legado de afeto e responsabilidade que nos foi passado. Portanto, nessa primeira experiência profissional como professoras de musicalização infantil, fazíamos a articulação de vivências desses dois espaços de trabalho: LEMI e CEARTE.

No próximo tópico da comunicação dialogamos sobre as propostas pedagógicas compartilhadas no LEMI (como a rotina de aula, pesquisa de repertório, criação de atividades e canções), assim como algumas reflexões recentes da equipe da musicalização infantil do CEARTE-PB.

Colocando a cabeça para planejar

Fomos ganhando experiência em sala de aula a partir da proposta de uma rotina estruturada com a vivência local e pela comunicação com outros laboratórios de educação musical no país que contribuem com o pensar da musicalização infantil. Como explica Mendonça:

Existe uma estrutura dessas atividades chamada de rotina que é utilizada pela Escola de Música, mas que pode ser modificada de acordo com várias circunstâncias como o que será proposto pelos professores no planejamento de cada aula. Essa estrutura varia de acordo com a cidade ou estado em que

é realizada e de acordo com o que os professores, pensando no melhor desenvolvimento pedagógico e musical, julgam interessante para sua turma (MENDONÇA, 2020, p.23).

A rotina foi construída pensando na dinâmica de início, meio e fim da aula com transições musicais e/ou narrativas, sem necessariamente ser explicitado em palavras, “com o objetivo de explorar a diversidade sonora, desenvolver a percepção auditiva, incentivar a criatividade musical, desenvolver o canto e o senso rítmico, entre outros” (BEZERRA, 2015, p.6). Apresenta um conjunto de atividades práticas que inclui, por exemplo, uma canção de entrada iniciando a aula, na qual a criança pode falar ou ouvir seu nome, uma de aquecimento direcionada para voz ou corpo, canção com movimentação, criação trazendo a oportunidade de explorar e usar a imaginação, apreciação ativa ou passiva, percussão corporal, jogo musical, altura, relaxamento, e canção de despedida com palavras que remetem ao fim da aula como “tchau” ou “até logo”, dentre outras possibilidades.

Assim, a variedade de atividades reúne aspectos do modelo de aprendizagem da criança, como brincar e se movimentar. O que, segundo Kebach (2013), a criança explora, investiga, canta, move, interage com colegas e toca instrumentos, aprende a combinar sons, dá significado a essas atividades criando meios próprios de expressão, não sendo mais as imitações apenas impostas pela figura do adulto.

Com mais experiência, começamos a focar os interesses das crianças, principalmente a partir dos 4 anos, experimentando aos poucos fazer um distanciamento do formato da rotina. Percebemos que em uma aula não necessariamente precisaríamos levar todas as atividades sugeridas, ou seja, em dialogicidade poderíamos fortalecer a autonomia das crianças e pensar em caminhos pedagógicos com objetivos musicais planejados, o importante é trazer fluidez e espontaneidade a aula (MENDONÇA, 2020, p.25).

Pensando nisso e outras reflexões, começamos a construir a identidade do nosso trabalho juntamente a equipe de professores de musicalização infantil, justamente, para evitar esse e outros “engessamentos” que se não estivermos atentas acabam aparecendo em nosso dia-a-dia.

Viagem temática

Citaremos rapidamente um pouco da experiência pedagógica que tivemos, junto à equipe que trabalhamos no CEARTE, que tem grande importância para nossa experiência profissional, além disso iremos ao encontro com nossa reflexão sobre as “aulas online” neste momento atual e pandêmico.

Esperamos narrar com mais profundidade em outro trabalho as temáticas que delimitaram os semestres de aula, pois é um assunto que muito nos motiva. Além do mais, tem sido um esforço atual do grupo de professores, alinhar os temas do semestre e das aulas, às contribuições trazidas pelas famílias e crianças. Freire (1987) narra sobre o diálogo ainda na escolha do conteúdo programático e reforça mais uma vez a importância de continuar buscando esse elo, no nosso caso, com as crianças que são perfeitamente capazes de transformar e contribuir com as aulas:

Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra com os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação (FREIRE, 1987, p.53).

Essa preocupação foi ficando mais madura a partir da nossa prática. Inicialmente usamos algumas ferramentas tímidas, como colher sugestão de repertório e memórias das famílias em uma caixinha musical, até conseguirmos uma troca mais fluida e espontânea pensando no conteúdo programático. Ainda assim, consideramos importante apresentar, brevemente, as temáticas semestrais desde 2018 até 2021.

No primeiro semestre de 2018 tivemos a primeira experiência com um tema guia, vinda da concepção da instituição, pensamos nas aulas a partir de “Nordeste em Movimento”. Em 2019, estávamos em busca de entender nosso perfil de musicalização trazendo canções que falassem sobre o Brasil, decidimos por “Conversas Brasileiras” no primeiro semestre, abordando temas como danças, comidas, religiões, capoeira e ofícios populares. No segundo semestre criamos a temática “Ritmo: uma batucada brasileira”, comemorando o centenário de Jackson do Pandeiro, pesquisamos os ritmos que ele perpassou e as temáticas presentes em sua discografia.

Em 2020, animadas com a união da equipe e vivendo uma nova etapa na instituição, como professoras e professores contratados, saímos das paredes da instituição para conhecer o “Território”, a cidade e os bairros próximos, dando vida a escrita de novos projetos, como a extensão em musicalização infantil.

Transformando nossa casa em um lugar mágico

Estávamos satisfeitos e com mais energia do que nunca, até que as ideias e projetos foram pausados pela crise sanitária da Covid-19. Em 2020 chegamos a estruturar nossos planejamentos como dupla, abrindo portas para lembrarmos as outras ocasiões em que demos aula juntas, todavia o isolamento social chegou e com ele a reestruturação do trabalho na modalidade online.

Tateando uma possibilidade de vivências com o objetivo de manter o vínculo com as famílias e crianças, na esperança de nos aproximarmos mais das pessoas adultas, canal mediador para nossa relação com os pequenos e pequenas, optamos por realizar uma série de vídeos: 1) para que pudessem aproveitar melhor as atividades em vídeo que estávamos produzindo; 2) com questões que consideramos importante abordar em tempos de quarentena.

Esses vídeos-conversa⁵ abordaram: nossa preocupação da exposição das crianças às telas, sugestões práticas de como aproveitar a música em casa, parte do nosso processo criativo, como entendemos a musicalização infantil e memórias musicais, entre outros diálogos. Além disso, produzimos em conjunto uma série de 8 playlists de vivências disponibilizadas a cada 15 dias contendo atividades, com o objetivo também de suavizar a tensão da rotina familiar, propondo a transformação das casas em um lugar mágico e sonoro.

Em 2021, ocorreram modificações na estrutura do curso, pois passamos a trabalhar com vivências musicais em ciclos de 7 semanas. Aproveitamos para focar mais as especificidades das faixas-etárias, agora uma de nós trabalhando com os bebês e a outra com as crianças a partir de 4 anos. Em relação ao tema, permitimos que a natureza invadissem nossas casas guiados pela “Natureza das Coisas”.

⁵ Link do canal do YouTube do projeto de Musicalização Infantil do Cearte-PB. Criado em 2020 devido a pandemia da COVID-19, Nesse espaço virtual encontram-se alguns dos vídeos informativos mencionados. CEARTE MUSICALIZACAO: <https://www.youtube.com/channel/UCDxuLZmPnsPUvhbwyiAcf8g>

Considerações finais

Com esta oportunidade, encerra-se essa comunicação que teve como objetivo narrar nossa experiência na sala de aula e discutir reflexões em torno da musicalização infantil que pensamos, trazendo um trecho da apresentação temática e abertura do minicurso construído pela equipe de professores e professoras, fica o convite para nos aproximarmos do que há de mais belo e humano no nosso fazer musical:

A natureza entrelaça vidas, abre caminhos e nos apresenta sons que compõem músicas, que retratam os fenômenos, os bichos e o ambiente que nos cercam (...) VIDA E ARTE SE MISTURAM, como em um ritual de Toré no terreiro do seu povo, ou no canto de uma trabalhadora que marca o ritmo enquanto macera ervas no pilão. Vale lembrar, que essas duas práticas são apenas dois exemplos de um mundo inteiro de memórias e vivências tradicionais conectadas com a natureza, que são passadas de geração em geração, boca a boca, pelas guardiãs desse tesouro colorido, que nós reconhecemos como: as Sábias da Floresta. Elas vão nos presentear com um pouco da sua sabedoria e memória de seu povo, guiando nossas vivências com jogos, música, dança e contação de história (MATERIAL PEDAGÓGICO DA MUSICALIZAÇÃO INFANTIL DO CEARTE, 2021).

Refletir sobre nossa caminhada até aqui nos fez viajar por lembranças aumentando nossa vontade de escrever mais sobre musicalização infantil, área que nutrimos com amor e afeto. Iniciamos juntas nossa vida acadêmica e nossa jornada como professoras do ensino musical infantil, percebendo o aprendizado vindo do coletivo, assim como erros e acertos. Esperamos que esse relato de experiência somado aos questionamentos e considerações contribuam na formação de professores, na área da educação musical infantil, especialmente no estado da Paraíba, e possa ser um pontapé para futuras pesquisas.

Referências

BEZERRA, Igor de Tarso Maracajá. A musicalização Infantil na UFPB, onde o discente explora e refaz sua prática docente: uma abordagem inicial. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, UFRN. *Anais*. Natal, 2015.

_____. Aprendendo a ensinar coletivamente: A aprendizagem colaborativa na Musicalização Infantil da UFPB. In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical ISME, 2017, UFRN. *Anais*. Natal, 2017.

BROOCK, Angelita Maria Vander. Crianças na Universidade?. In: ILARI, Beatriz; BROOCK, Angelita (org). *Música e Educação Infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2013. p. 142-166.

_____. Musicalização Infantil na UFBA. In: D. Santiago; A. Broock & T. Carvalho. *Educação Musical Infantil*. Salvador: PPGMUS UFBA. 2011, p. 87-99.

CABRAL, Ana Rosa Fernandes. Relatório de Monitoria do Laboratório de Educação Musical Infantil da UFPB. João Pessoa, 2017. Não publicado.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. *Desenvolvimento Psicológico e Educação - Vol. 3: Transtornos de Desenvolvimento e Necessidades Educativas Especiais*. Penso Editora, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ILARI, Beatriz. A community of practice in music teacher training: The case of Musicalização Infantil. *Research Studies in Music Education*, n.32, v.1., 2010. p. 43-60

ILARI, Beatriz. "A música e o desenvolvimento da mente no início da vida: investigação, fatos e mitos. *Revista eletrônica de musicologia*, v. 9, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. (Org) *Expressão musical na educação infantil*. 1.ed. - Porto alegre, RS: Mediação, 2013.

MENDONÇA, Samma Mascarenhas de. Musicalização infantil na perspectiva dos pais: para que serve a música na infância. João Pessoa, 2020. Não publicado.

MUSICALIZAÇÃO INFANTIL DO CEARTE-PB. Centro Estadual de Arte - PB. Material Pedagógico: Apresentação das Vivências em Música - Ciclo 1. CEARTE, 2021. Não publicado.

OLIVEIRA, Liliane de Camargo Polis; ALBERDA, Josélia Vieira; SOUZA, Marcelo Silva. A teoria de aprendizagem cooperativa no ensino coletivo de piano/teclado: uma experiência na escola. In: XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2015, UFRN. *Anais*. Natal, 2015.

PANTYS. bell hooks e lélia gonzalez: ler é uma forma de agradecer!, 3 dez. 2019. Disponível em:<<https://www.pantys.com.br/blogs/pantys/bell-hooks-e-lelia-gonzalez-ler-e-uma-forma-de-agradecer>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Sulina, 2015.